

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

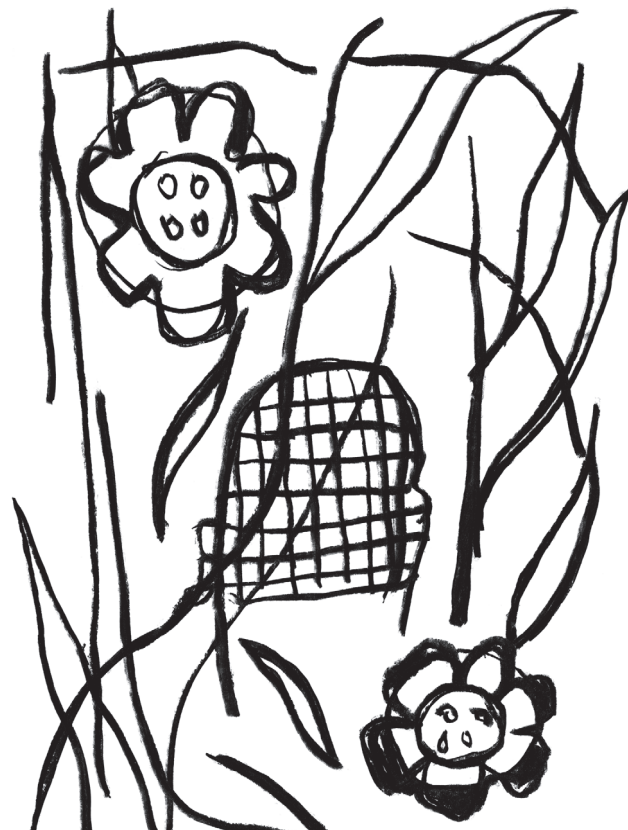


Imagem: Thomas Langley

Cama A.C
(Lisboa)

Aurora negra

Criação e direcção artística de
Cleo Diára, Isabel Zuaa e Nádia Yracema

Cine-Teatro da Academia Almadense (Almada)

Auditório Osvaldo Azinheira

Sex. 2, Dom. 4 e Seg. 5 de Julho às 20h30

Sáb. 3 às 15h e 20h30

Duração: 90 min. • Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Interpretação **Cleo Diára • Isabél Zuua • Nádia Yracema**

Cenografia **Tony Cassanelli**

Figurinos **José Capela**

Dir. técnica, desenho de luz e mapeamento de vídeo **Felipe Drehmer**

Composição original e sonoplastia **Carolina Varela • Yaw Tembe**

Adereços e *styling* **Eloisa D'Ascensão • Jorge Carvalhal**

Apoio à dramaturgia **Sara Graça • Teresa Coutinho**

Apoio ao movimento **Bruno Huca**

Apoio à pesquisa **Melánie Petremont**

Apoio à criação **Bruno Huca • Inês Vaz**

Direcção de produção **Maria Tsukamoto**

Assistência de produção **Filipa Garcez**

Apoios **Alkantara • Casa Independente**

Co-produção **TNDM II • Centro Cultural Vila Flor • O Espaço do Tempo e Teatro Viriato**

Agradecimentos **Beta Barreto • Carlos Duarte • Chico Abreu Cleida Sofia Tavares • Cristina Roldão • David Pires • Eduardo Pinto Fernanda • Jacinto e família • Geraldine Moureau • Ilda Figueiredo Inês Valdez • Joana Costa Santos • João Cão • João Martins Kenzo Pereira • Lourena Tomé • Manuel Maria Cristo Maria da Luz Tavares • Maria Matos Figueiredo • Nilton Matos Cristo Nilvano Matos Cristo • Nina Silva • Ricardo Martins • Rita Alves Rita Bernardes • Rosa Tito Pinto • Sessa • Tiago Moura Vito Paulo Martins • Yasmim Camará • Zenaida Ramos • UMAR UBUNTU • SOS Racismo • Imune • Todos os actores e atrizes que fazem parte do vídeo • Aos nossos sobrinhos e a todas as mulheres que nos inspiram.**

Aurora Negra conta, na primeira pessoa do plural, as memórias de mulheres negras no Portugal pós-colonial e por descolonizar. Três atrizes – Cleo Tavares, Isabél Zuua, Nádia Yracema – desfolham um arquivo diaspórico e interseccional, com nomes de vivos e mortos, com línguas e lugares múltiplos, músicas do despontar da nossa juventude, numa celebração da jornada e subjectividade coletiva de uma geração afroportuguesa contemporânea.

Nesse arquivo, aberto em 6 cenas, o tempo biográfico e a história da diáspora confluem; misturam-se os corpos e vozes das personagens com fragmentos sonoros e audiovisuais que reconstróem um imaginário negro daqui e do mundo. O humor é omnipresente, em jeito de sátira, preenhe de ironia e, sobretudo, da alegria de se estar e ser na sua própria pele. Não um objecto, mas protagonistas da sua própria história. "*Meu corpo eu te autorizo a ocupar qualquer lugar*".

Aurora Negra faz e é em si um *statement*, uma busca pelo rompimento das malhas da invisibilidade, do estereótipo e do *tokenismo* racial nas artes performativas, do palco, ao elenco e às opções técnicas de bastidores. O espetáculo venceu a segunda edição da Bolsa Amélia Rey Colaço e, pela primeira vez, sobe ao palco no Teatro Nacional D. Maria II uma peça criada e protagonizada por mulheres negras, portuguesas de ancestralidade africana. 2020. Estreia-se na "casa" da única monarca europeia que nasceu numa colónia, no Brasil de 1819, no auge e no centro do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Dona Maria da Glória, "*bu ata obinu?*" Nasce no ano da morte de Bruno Candé, ator negro português, assassinado às mãos do racismo português. No palco grita-se: "*a casa também é nossa*". *Black out. Black in.* Há um porvir que amanhece, um Portugal negro que toma a boca de cena.

Cristina Roldão

26/08/2020